

ASPECTOS DRAMÁTICOS DO *LÍISIS*: O CENÁRIO E AS RELAÇÕES ENTRE SUAS PERSONAGENS

DRAMATIC ASPECTS OF *LYSIS*: THE SETTING AND THE RELATIONSHIPS BETWEEN ITS CHARACTERS

GABRIEL BELLEMO BALOG*
BRUNO LOUREIRO CONTE**

Resumo: Tendo em vista o entrelaçamento fundamental existente em um diálogo platônico, objeto multifacetado, entre seu aspecto filosófico e sua construção dramática, este artigo tem em vista evidenciar as tensões e contrastes entre as personagens do *Lísis*, diálogo platônico de juventude. A investigação confirma a presença de intenções teóricas e escolhas estratégicas feitas pelo autor na construção cênica do texto e visa apontar o papel das relações entre as personagens para a elaboração dos conceitos e o desenvolvimento lógico-argumentativo da obra.

Palavras-chave: Platão; *Lísis*; diálogo socrático; drama; amizade.

Abstract: Considering the fundamental interweaving in a Platonic dialogue – a multifaceted object – between its philosophical content and its dramatic construction, this article aims to highlight the tensions and contrasts among the characters in the *Lysis*, one of Plato's early dialogues. The investigation confirms the presence of theoretical intentions and strategic choices made by the author in the scenic composition of the text and seeks to point out the role of the relationships between the characters in the elaboration of concepts and the logical-argumentative development of the work.

Keywords: Plato; *Lysis*; Socratic dialogue; drama; friendship.

INTRODUÇÃO

O gênero *logos sokratikos*, ou, num recorte mais específico, os diálogos escritos por Platão, possui uma largamente explorada e conhecida esfera filosófica, desenvolvida a partir da interação de personagens que,

* Pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), SP, Brasil. <https://orcid.org/0009-0005-3079-7211>. E-mail: balog06gabriel@gmail.com.

** Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). <https://orcid.org/0000-0002-4422-8184>. Email: blconte@pucsp.br.

usualmente, incluem o filósofo Sócrates. Essas obras, no entanto, contêm em sua construção um aspecto estratégico, escolhas feitas em um plano dramático com o intuito de permitir o fenômeno comunicacional entre as personagens e que se somam, em alguma medida, à própria investigação. Tal aspecto se firma em um plano distinto do estrito e unicamente lógico-argumentativo, localizando-se em uma esfera que poderíamos chamar de teatral: “a filosofia apresentada como discussão viva, em ação, como drama propriamente dito. Ao compor seus escritos sob um gênero aparentado ao teatral, Platão acabou investindo nas representações do movimento do pensamento” (Moraes, 2016, p. 118).

Diversos autores exploram essa faceta cênica dos textos de Platão, buscando entender o espaço que as obras filosóficas ocupam em meio a um contexto literário, com semelhanças e especificidades frente a outros modos de escrita. Rossetti, aprofundando-se na possível existência de uma tradição de diálogos socráticos, da qual Platão faz parte, afirma que:

O diálogo socrático pode ser descrito, em geral, como um tipo de drama a meio caminho entre a tragédia e a comédia, não mais versificado nem destinado a formas solenes de representação pública, mas reservado à leitura privada ou simplesmente a sessões durante as quais provavelmente um ou dois leitores-autores se empenhavam em recriar em voz alta — mas sem cenografia particular nem figurinos em cena, máscaras ou partes cantadas, e que faz frente a um público decididamente mais restrito (...). É um espetáculo, pois recria uma situação e a dramatiza (Rossetti, 2015, p. 120).

Sendo que os *logoi sokratikoi* angariam atributos teatrais específicos para a execução de suas investigações — “representam debates paradigmáticos entre personagens modelo em cenários característicos” (Frede, 1992, p. 201) —, é importante ressaltar a indissociável conexão desse aspecto dramático ao cerne filosófico proposto por Platão. Tarrant (1955, p. 89), mesmo verificando variações de qualidade dramática em cenários e caracterizações entre as obras do filósofo, afirma que “nas disposições mais características de Platão, o instinto para o drama não apenas determina a estrutura de seus diálogos, mas igualmente opera no desenvolvimento dos argumentos que eles contêm”. Alinhado a Tarrant, Kahn (2004, p. 36), em sua obra *Plato and the Socratic Dialogue: The philosophical use of a literary form*, explicita: “Ao representar Sócrates em sua escrita — Platão podia legitimamente empregar seu poder dramático a serviço da filosofia”.

No *Lísis*, objeto deste artigo, tanto a existência de uma esfera dramática quanto a conexão dessa ao desenvolvimento investigativo e o percurso definicional, a busca posta à frente por Sócrates, são bastante marcantes. Características de teor cênico são escolhas precisas e estratégicas feitas por Platão com o intuito de consolidar a obra em uma maior profundidade, hipótese apresentada e discutida no decorrer deste artigo.

Porém, antes de iniciarmos a análise do texto, é preciso ressaltar que o *Lísis*, diferente da maioria das obras do *corpus* platônico, não recorre ao molde dramático padrão, que dispõe falas e rubricas em sequência. Ao invés disso, vemos uma narração em primeira pessoa por parte de Sócrates que “reconta o ocorrido”, expõe as falas e ações das personagens e compartilha seus pensamentos. Essa característica do diálogo, no entanto, não deve ser vista como um impedimento para o estudo dramático do mesmo, de forma que seu elemento teatral ultrapassa o molde literário em si.

Os elementos genuinamente dramáticos de sua obra não se prendem, de qualquer maneira, apenas a essa estrutura; eles não são menos encontrados em diálogos e passagens narrativas. Para nossa avaliação de cenário, personagens e seu delineamento, troca de ideias e progresso da trama ou argumento, sua escolha de método direto ou indireto é realmente sem importância. É nessas técnicas, que se combinam para dar à apresentação do pensamento abstrato a verossimilhança dos encontros humanos na vida real, que se encontra essencialmente sua maestria como dramaturgo (Tarrant, 1955, p. 85).

Assim, a seguir, são delineados alguns aspectos centrais da esfera teatral do *Lísis*, de acordo com o que sinaliza Cooper (1997, p. xxiii): “Deve-se estar atento a indicadores contextuais de todos os tipos — a maneira particular pela qual um interlocutor concorda ou discorda de algo, a caracterização mais ou menos explícita fornecida e outros indicadores sobre qualidades pessoais”. Na continuidade deste artigo, analisa-se, especificamente, (1) o cenário, (2) as construções de personagens e (3) os tensionamentos desenvolvidos entre essas. Tal aprofundamento conta com o arranjo de passagens da obra e textos de pesquisadores que se debruçaram sobre o diálogo ou tópicos que enriquecem a presente discussão.

“Quero dizer aqui”, disse ele, mostrando-me logo atrás da muralha uma espécie de recinto com sua porta aberta; “e os que passam o tempo lá somos nós e outros também — muitos deles, e belos também”.

“Então, que lugar é esse e como você passa o seu tempo?”

“É uma escola de luta”, disse ele, “uma recém-construída; passamos a maior parte do nosso tempo em discussões (*en logois*), e teríamos o prazer de fazer de você parte delas” (*Lísis*, 203b6).

O *Lísis* tem como seu cenário uma *palaestra*, ou escola de luta, em que Hipotales, Ctesipo e outros conhecidos desses, que não são nomeados ou descritos, passam seu tempo engajando-se em discussões. Enquanto isso, no interior, jovens rapazes, descritos por Hipotales como belos, participam da Hermaea, festival dedicado ao deus Hermes.

Entrando nesse espaço (206e1), Sócrates vê que os sacrifícios e rituais sagrados desempenhados pelos meninos estavam praticamente finalizados, portanto, muitos jogavam jogos, como o astrágalo (206e5), enquanto alguns formavam uma espécie de platéia (206e9), possivelmente para ouvir as conversas daqueles mais velhos que ali se encontravam. Para além da movimentação de jovens, Miccus é citado nominalmente (204a5) como aquele que ensina na *palaestra* e estão presentes guardiões, que têm a autoridade de chamar e ordenar os garotos em meio às suas obrigações ritualísticas.

As características introduzidas por Platão na construção desse cenário podem nos dizer muito a respeito de suas intenções dramáticas, bastante associadas à busca por conceitos que irá desenvolver. De início, podemos citar que duas características do local — ser recém-construído e estar de portas abertas — podem ter como objetivo moldar para Sócrates, e consequentemente para os leitores que acompanham sua narração, uma imagem de ambiente convidativo, acessível. Tal atributo ganha relevância quando pensamos na análise de Rossetti (2015, p. 219) sobre o fator central na escolha do filósofo em engajar-se ou não em uma investigação: uma estimativa de receptividade. Essa não só deve ser encontrada nos participantes do diálogo, mas, possivelmente, no espaço em si.

Já a escolha pelo próprio recinto, uma escola de luta, é o ponto central de uma série de detalhes que apontam para a competitividade. A conexão entre essa e a amizade (*philia*), a definição investigada, pode não nos parecer óbvia, mas Gonzalez defende seu aspecto essencial para a teoria desenvolvida:

A conexão fica clara no exemplo de amizade que o diálogo nos apresenta primeiro: aquele entre Lísis e Menexeno. A amizade deles, logo descobrimos, é caracterizada por intensa rivalidade. Mais importante ainda, é essa característica que Sócrates aborda primeiro em sua discussão com eles (...). Hoje, tendemos a ver a competição e a amizade como opostas: a competição separa e antagoniza, enquanto a amizade deve unir e harmonizar. Um relacionamento está em perigo, acreditamos, assim que é permitida a entrada de competitividade nele. Em vez de tentar superar nossos amigos, devemos estimá-los mais que nós mesmos. Para os gregos, por outro lado, competição e rivalidade, em vez de necessariamente romper a *philia*, poderiam ser a própria matéria de que ela é feita. A competição era vista como um potencial meio de estreitar os laços entre os cidadãos e, assim, preservar a comunidade. No plano das relações pessoais, amigos eram vistos como rivais (Gonzalez, 2003, p. 19).

Outros detalhes do cenário apontam para a ideia de competição e rivalidade, fortalecendo o argumento de Gonzalez (2003). Por um lado, a Hermaea é um festival ligado à proeza física e, por outro, vemos que praticamente todas as atividades desempenhadas no recinto se voltam a diferentes espécies de rivalidade: os amigos de Hipotales e Ctesipo, e depois Sócrates, passavam seu tempo em discussões; Miccus, aquele que ensina na *palaestra*, é um sofista conhecido; e os jovens que já haviam concluído suas obrigações sacras se divertiam com jogos ligados à competição, como o astrágalo. O *Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities* (Peck, 1965, p. 1522) dedica-lhe um aprofundado verbete, segundo o qual esta brincadeira “era inteiramente de habilidade; e na Antiguidade, não menos do que nos tempos modernos, consistia não apenas em pegar os cinco ossos nas costas da mão, mas em uma grande variedade de exercícios que exigiam rapidez, agilidade e uma visão precisa”.

Assim, delineados esses aspectos do texto, poderíamos concluir que uma possível motivação para a construção desse preciso e detalhado cenário aponta para uma associação entre a competição e o próprio conceito de *philia*, que Platão desenvolverá no decorrer do diálogo. Nos subtópicos seguintes, voltados às personagens centrais do diálogo, esse argumento será ligado à erística, aspecto associado à figura de Menexeno e sua relação com Lísis.

Para além disso, o próprio festival dedicado ao deus Hermes, mais que apenas uma conexão à rivalidade, merece certa atenção. Gonzalez (2003, p. 39) enfatiza que, para além de sua associação a comerciantes e ladrões,

a divindade possui uma extensa simbologia voltada a fronteiras e sua transgressão, o que entra em conformidade com pontos como juventude e *eros*, tão presentes no *Lísis*. Junto a isso, as ideias de intermediação, de oposição e de transgressão estarão também presentes no percurso argumentativo do diálogo (Gonzalez, 2003, p. 40).

PERSONAGENS: DESCRIÇÕES, PAPÉIS E REPRESENTAÇÕES

A análise aprofundada das personagens construídas estrategicamente por Platão, em um plano dramático, apresenta-se como fundamental para a compreensão de suas obras como um todo. Em vista do entrelaçamento de aspectos cênicos e filosóficos de cada diálogo, como explicitado anteriormente, notamos que delinear essas figuras em suas diversas facetas, de históricas a simbólicas, é um processo frutífero para a compreensão do *Lísis* como um objeto multidimensional.

Blondell (2003, p. 16) assinala que, em um sentido primário, a esfera dramática tem na incorporação de personagens um pré-requisito, de forma que “podemos argumentar que esta é a característica definidora do drama: a apresentação imaginativa de pessoas”. Dada essa relação, a autora enfatiza a caracterização da personalidade como elemento não acidental da composição: “Uma vez que a forma do diálogo envolve a representação de pessoas, uma preocupação com o caráter humano e sua construção é literalmente essencial para ler as obras de Platão de uma forma que leve em consideração sua forma” (Blondell, 2003, p. 2).

Junto a isso, sob a ótica de diversos pesquisadores, temos em Platão um dramaturgo versado na escrita de personagens complexas, capazes de atender às demandas pretendidas pelo filósofo em seus *logoi sokratikoi*. Para Haden, somos capazes de localizar não apenas certa veracidade, mas atributos simbólicos e representativos, que complementam e enriquecem a compreensão da investigação proposta:

A habilidade de Platão é tal que ele pinta para nós, especialmente nos diálogos de juventude, pessoas reconhecíveis e completas, não meras silhuetas bidimensionais passando por um jogo de sombras de conceitos. Os indivíduos no diálogo são também, claramente, figuras representativas, de modo que também representam tipos de pessoas, mas suas específicas personalidades devem ser levadas em consideração nas trocas reais dos diálogos. Como qualquer grande artista, Platão nos mostra ao invés de nos contar e, portanto, as individualidades são trabalhadas nas sequências da

conversa, bem como apresentadas nas passagens descritivas que aparecem em alguns dos diálogos (Haden, 1983, p. 338-339).

Em conformidade com essa argumentação, Tarrant (1955, p. 86), observando esses participantes dos diálogos, aponta para “uma dupla qualidade; eles são seres humanos, realizados individualmente, e são também, em muitos casos, personificações de qualidades morais ou de pontos de vista filosóficos”.

Exposta a relevância de dada análise, examinemos a seguir as características e descrições de quatro personagens centrais do *Lísis*, junto a inferências de possíveis simbologias complementadas por pesquisas de estudiosos do campo. Essas figuras são, respectivamente, Sócrates, Hipotales, Lísis e Menexeno, organizadas segundo a ordem com que são inicialmente citadas na obra.

O FILÓSOFO, SÓCRATES

Primeiramente, antes de iniciar a análise da personagem, é necessário detalhar brevemente o seu recorte. Sócrates, sendo uma figura central da filosofia antiga como um todo e protagonista majoritário das obras platônicas, é objeto de grande quantidade de estudos, incapazes no entanto de esgotar seu espaço para aprofundamento em diferentes abordagens. Dessa maneira, neste artigo, será discutida apenas a caracterização de Sócrates como feita no *Lísis*, aterrando o delineamento a passagens do diálogo e pesquisas feitas sobre o mesmo.

Narrador em primeira pessoa, o pensador apresenta certo fator de dificuldade para a concretização de sua análise. Guiando o decorrer da obra e descrevendo cenários, personagens e o percurso investigativo, terminamos por não receber uma descrição dele próprio ou o apontamento de muitos atributos específicos que nos permitiriam uma observação mais detalhada de representações e símbolos.

De início, Sócrates nos narra que caminha da Academia ao Liceu (203a1), quando é chamado por Hipotales. Este, que está junto de Ctesipo, o convence a entrar na *palaestra*, o cenário central do diálogo, para integrar discussões, maneira pela qual Hipotales, Ctesipo e outros passavam o tempo (204a3). Nessa passagem, podemos apontar para uma atribuição de certa despreensão do filósofo, ao menos aparente, que não teria como objetivo de antemão engajar-se em investigação ou refutação. Com esta

característica, de acordo com Rossetti, ele se apresenta como um homem inserido em seu contexto social:

O diálogo socrático tinha como característica sublinhar o tom natural da vida cotidiana. Ele não se limitava a representar um Sócrates em ação, situado em um passado ainda recente, lidando com personalidades em geral bem conhecidas, mais do que isso, ele se dedicava a produzir um Sócrates pacífico, familiar, sem muitas pretensões (ao menos aparentemente) e, portanto, acessível a todos (Rossetti, 2015, p. 123).

Vemos, em outra passagem, a mesma faceta deste Sócrates. O filósofo, vendo que Hipotales está apaixonado e que não sabe como se deve falar com um amado para conquistá-lo, compromete-se a fazer uma demonstração: “Se você estivesse disposto a fazer com que ele viesse trocar palavras comigo, talvez eu pudesse demonstrar a você o que alguém deveria dizer em uma conversa com ele” (206c4-7). Novamente, é construído um Sócrates que, inicialmente desprezioso, é acessível e encarna uma das características que no decorrer do diálogo serão associadas à *philia*: a utilidade aos amigos.

Ademais, ainda nessa curta conversa inicial com Hipotales, Sócrates expõe um detalhe de si que, possivelmente, é a caracterização mais direta de sua personagem:

Isso você não precisa me dizer — se você está apaixonado por alguém ou não; pois eu sei que você não está apenas apaixonado, mas muito avançado em seu amor. Eu mesmo sou medíocre, até inútil, em relação a tudo mais, mas isso me foi dado — não sei como — de deus, a capacidade de reconhecer rapidamente um amante e um objeto de amor (204b6-c2).

Esta específica escolha descritiva feita por Platão possui um teor estratégico que se torna claro em meio a um diálogo que irá discutir a *philia* em suas diferentes esferas, como desejo e amizade, tal como sua associação ao *eros*. A “habilidade” que o filósofo endereça a si será um fator determinante nos juízos que fará a respeito das relações Hipotales-Lísis e Lísis-Menexeno, as quais são aprofundadas na seção 3 deste artigo.

Conclusivamente, mostra-se frutífero integrar a essa discussão a associação feita por Gonzalez entre a figura de Sócrates, no *Lísis*, e a simbologia construída em torno do deus Hermes, contextualizado pela Hermaea:

Dois papéis de Hermes (...) devem nos levar a esperar tal afinidade: Hermes estava intimamente associado à *agora* e ao *logos*. Nesses papéis, ele

teria um significado especial para o homem que passava a maior parte do tempo na *Ágora* envolvido na atividade de conversar com outros (Gonzalez, 2003, p. 42).

Vemos, assim, uma possível conexão direta entre o contexto desenvolvido no cenário e o filósofo, em que as atividades engajadas por aqueles dentro da *palaestra* voltam-se a uma divindade com características também compartilhadas com Sócrates. O protagonista platônico é estrategicamente inserido em um espaço precisamente moldado.

O AMANTE, HIPOTALES

Hipotales é o jovem que inicialmente convida Sócrates para participar de discussões dentro da escola de luta. Ele está apaixonado — nas palavras de Sócrates, “muito avançado em seu amor” (204b7-8) — por *Lísis*, um dos garotos que treina na *palaestra* e que é conhecido por sua beleza. Assim, declama poesia, prosa e canções sobre *Lísis* para os seus amigos, entre eles Ctesipo (204c4). Há, nessa relação de desejo, um fator pederástico, presente na diferença de idade pontuada por Nails (2002, p. 174): “No *Lísis*, Hipotales é chamado de *neaniskos* (203a) e está fixado no aparentemente um pouco mais novo *Lísis* II”.

Assim, Hipotales evoca um conceito que, em diversos momentos, coloca-se como adjacente à busca definicional da *philia*: o *eros*. O rapaz é uma sólida ponte entre ambos os conceitos que tendem a representar formas de relação entre indivíduos e, para Gonzalez (2003, p. 23), ocorre “uma personificação de *eros* na paixão de Hipotales por *Lísis*”. Tornando-se essa figura representativa, o jovem amante desempenha um papel fundamental no contexto dramático do *Lísis* que, segundo Roochnik (2022, p. 2), pretende borrar a distinção entre *eros* e *philia*.

Ao ouvir de Ctesipo sobre as composições de Hipotales e seu conteúdo, Sócrates o chama de ridículo e conclui que ele está “compondo e cantando um encômio a si mesmo antes de ter vencido” (205d5) — ao engrandecer o ego de seu amado, conseqüentemente, o amante se engrandece se conseguir conquistá-lo. Isso, no entanto, defende Sócrates, aumenta a humilhação da derrota se ela vier a ocorrer (206a1) e pode, até mesmo, “dificultar a caça”, tornando o amado mais arrogante e inatingível (206a4). O filósofo, possivelmente, condena a forma como Hipotales apresenta seu

desejo por Lísis visto que essa termina por prejudicar ambos, possibilidade analisada em maior profundidade no tópico 3 deste artigo.

Por fim, o jovem pede que Sócrates o ensine o que deve ser feito para que um amante conquiste seu amado, tornando-se, em termos dramáticos, o responsável pela armação da investigação central do diálogo: “Se você tiver mais alguma coisa na manga, dê seu conselho sobre a linha que uma pessoa deve seguir em uma conversa, ou o que ela deve fazer, para se tornar um objeto de amor para uma pessoa amada” (206c1-3). A resposta de Sócrates é lançar-se junto de Lísis à busca definicional da *philia*, o que, para Cooper (1997, p. 687), é a própria forma de conquistar um amado:

Hipotales é um adolescente mais velho, apaixonado por Lísis ao ponto de entediá-la mortalmente Ctesipo (...) e os outros meninos da sua idade com seus poemas e discursos em prosa sobre as excelências de Lísis e de seus ancestrais. Para Sócrates, no entanto, esta é a maneira errada de atrair uma pessoa tão jovem até você. Poesia e elogios retóricos brincarão com seu orgulho e encorajarão arrogância. A maneira certa é envolvê-los em discussão filosófica. Se eles merecem atenção, é voltando-os para o aperfeiçoamento de suas almas, isto é, de suas mentes, que você atrairá seu interesse sóbrio e afeição grata.

O AMADO, LÍISIS

Lísis, o garoto que dá nome à obra, é, como esperado, uma figura central do diálogo em suas diferentes facetas. Para além da sua presença em praticamente todo o texto e sua participação na busca definicional da *philia*, sua caracterização é cercada de uma forte construção simbólica. Uma análise aprofundada das personagens de Platão, como visto anteriormente, é essencial para uma compreensão mais completa do *corpus* e, no caso de Lísis, a atenção a pequenos detalhes de sua descrição apresenta-se como bastante significativa. Esse delineamento segue o exposto por Blondell:

É um lugar-comum da estética grega que elementos do *ethos* possam ser retratados por mídias não-verbais, p. ex. visualmente ou na música. A dramatização dessas qualidades através da representação de pessoas em ação é mimética da mesma forma que a pintura, enquanto não requer intrinsecamente a verbalização (Blondell, 2003, p. 56).

Antes mesmo de “entrar em cena”, o garoto, que está participando da Hermaea no interior da *palaestra*, já é descrito por Hipotales, pelo qual

é amado, e Ctesipo. Ainda muito associado ao seu pai, Demócrito de Aexone, figura conhecida no período, integra uma linhagem respeitada, de forma que Hipotales declama “sobre todos os ancestrais do menino, coisas como riqueza, cavalos de corrida e vitórias nos Jogos Píticos, Ístmicos e Nemeus” (205c3-5). Mesmo com seu nome não muito conhecido devido a sua juventude, sua beleza já é reconhecida em Atenas: “há pouca chance de você não conhecer a aparência do menino; ele é bonito o suficiente para ser conhecido apenas por isso” (204e5-6).

Para além desses atributos pontuados ainda anteriormente à entrada na escola de luta, é dito que Lísis possui dois aspectos que facilitarão o contato de Sócrates com ele: possui um “amor extraordinário por ouvir” (206d1) e já conhece Ctesipo por intermédio de Menexeno, pessoa com a qual “ele anda por aí com mais do que ninguém” (206d5). Essa descrição, afora apontar para o conceito de amizade presente na relação Lísis-Menexeno, cumpre o pré-requisito para o engajamento de Sócrates no diálogo, como defendido por Rossetti (2015, p. 219): “Sua decisão de se engajar ou não em uma conversa aprofundada não depende de seu humor do momento, mas, por um lado, de uma estimativa da receptividade do interlocutor (o interlocutor deve ser robusto ou ao menos fecundável)”.

Quando entram na *palaestra*, Sócrates vê Lísis (206e9), que estava junto a outros garotos e jovens, usando uma coroa (ou guirlanda) em sua cabeça. O filósofo confirma que ele se destaca por sua aparência, ressaltando que ele era “digno de fala não apenas por sua beleza, mas por sua beleza-e-bondade (*kalos te kai agathos*)” (207a4). Essa passagem nos apresenta uma associação direta entre o Belo, do qual a aparência de Lísis participa, e o Bem, o que implica certo atributo ético à personagem através de sua descrição física. De fato, “beleza-e-bondade” se manifesta no indivíduo segundo um duplo valor, ético e estético. Blondell assim explica o significado deste atributo considerando o pano de fundo da cultura grega:

Com isso, quero dizer detalhes particulares sobre um indivíduo, incluindo peculiaridades externas, circunstâncias e comportamentos, tanto físicos quanto psicológicos. (...) Em termos dos gregos antigos, todas essas características têm implicações potencialmente éticas, uma vez que são vistas como constituindo, expressando e/ou representando o *ethos*. Isso se estende de maneira importante à aparência física. O vocabulário grego antigo notoriamente não distingue claramente avaliação ética e estética. A beleza é, portanto, um sinal de superioridade moral e física (Blondell, 2003, p. 58).

No que diz respeito à descrição estética, a escolha de indumentária parece também representativa. Por mais que o uso da coroa possa ser contextualizado pelo festival dedicado ao deus Hermes ou ao atletismo, ligado à escola de luta, não temos o apontamento de nenhum outro rapaz tendo uma em sua cabeça, nem os que podemos chamar de figurantes nem Menexeno. Assim, a caracterização específica de Lísis incluir uma guirlanda pode nos guiar a algumas possíveis conclusões, a partir desta indicação de Kefalidou em seu estudo *The plants of victory in ancient Greece and Rome*:

A coroa era imbuída de vários significados simbólicos: distinguia quem a usava e protegia a cabeça, a parte mais importante do corpo humano. Também significava que a pessoa coroada era sagrada, pura e estava pronta para iniciar um processo específico (Kefalidou, 2009, p. 40).

Para além da proteção, e assim valorização, da cabeça, parte do corpo associada por Platão à mente, vemos a possível construção de um simbolismo que associa o diálogo com Sócrates a um processo quase ritualístico, sacralizado. Lísis, detentor de certa pureza intelectual ainda própria de sua juventude, está pronto para o crescimento pelo qual passará através do contato com o filósofo e da busca pela melhora de si através de investigação e exame. Esse movimento dialético e filosófico é colocado, talvez, como uma espécie de rito.

Após essa passagem, quando Hipotales, Ctesipo e Sócrates começam a ter conversas entre si, o garoto vira sua cabeça diversas vezes na direção deles (207a5-6), demonstrando vontade de se aproximar. Hesitante, aproxima-se apenas quando vê Menexeno fazê-lo e senta-se ao seu lado (207b3-4). É possível que nestas passagens vejamos a caracterização de um jovem mais tímido, possivelmente por conta de sua idade ou apenas como um traço de personalidade.

Lísis, pelo resto do diálogo, é representado como um apaixonado pelo aprendizado, disposto a ouvir e aprender com Sócrates. Não demonstra grande relutância ou desconforto de frente à refutação pelo filósofo, mesmo que, pelo menos na primeira investigação, Sócrates tenha o objetivo de mostrar a Hipotales como se deve falar com um amado: “tornado-o humilde e rebaixando-o” (210e2-4). Sobre esse uso do *elenkbos* socrático, Gadamer (1983, p. 9) irá até mesmo pontuar que, “embora tenha ficado inseguro, ele [Lísis], ao mesmo tempo, confirma o desejo de aprender que é despertado dentro dele”.

Após isso, de forma brincalhona e amigável, o jovem pede para que Sócrates faça o mesmo com Menexeno, refute-o, especialmente pela aptidão do amigo para disputas (211a5). Antes de aceitar esse pedido, o filósofo diz que Lísis poderia fazê-lo ele mesmo, pois estava prestando atenção completamente (211a7). “Farei isso, Sócrates”, disse ele; ‘muito, pode ter certeza disso” (211b3), responde.

Essa sugestão de Sócrates e o comprometimento de Lísis a refutar ele próprio o amigo, mesmo que ainda assim peça que Sócrates o faça neste momento, podem ser associados à postura de discípulos e apreciadores dos ensinamentos socráticos na época. Em *Os Memoráveis* (III, 8, 1), Aristipo tenta mostrar seu domínio do *elenkbos* socrático ao, depois de ter sido confundido pelo filósofo, tentar fazer o mesmo contra ele; enquanto isso, na *Apologia* de Platão (23c4-5), Sócrates relata: “Além disso, os jovens que me seguem por seu livre-arbítrio, os que têm mais ócio, os filhos dos muito ricos, têm prazer em ouvir as pessoas serem questionadas; eles mesmos costumam me imitar e tentam questionar outros”. Tais características não só se aplicam ao jovem abastado Lísis, mas, como nos aponta Nails (2002, p. 196), “não muito é acrescentado na tradição posterior, apenas que Sócrates exortou-o [Lísis] com sucesso a se tornar excepcionalmente virtuoso”.

Em certa passagem mais à frente da investigação, Lísis responde uma pergunta de Sócrates feita a Menexeno, corando logo em seguida. Sócrates pensa que “pareceu-me que as palavras escaparam sem que ele quisesse, devido a intensidade com que prestava atenção ao que se dizia, e era claro que era assim durante todo o período que ouvia” (213d3-5). O filósofo, assim, direciona a discussão para Lísis por encantar-se com seu amor pela sabedoria (213d6-8).

O AMIGO, MENEXENO

Menexeno, junto de Lísis, é um participante central do diálogo, ativamente presente em toda a busca definicional da *philia*, na segunda investigação da obra. Junto a isso, sua descrição aponta não apenas para um interlocutor com características específicas, que o distinguem de Lísis, mas para uma estratégica representação de amizade pretendida por Platão na relação entre ambos.

Em um primeiro momento, anterior à entrada de Sócrates na escola de luta, Menexeno, que está no início da adolescência, é descrito simplesmente como amigo de Lísis e primo de Ctesipo (206d3-4), e posteriormente

como pupilo do último (211c5). No diálogo que leva seu nome, em que aparece já como um jovem adulto interessado no campo político, Sócrates menciona sua família dando a entender que essa tem história na ocupação de cargos públicos (*Menexeno*, 234a-b). Ctesipo, ao início do *Lísis*, discute brevemente com Sócrates as atitudes de Hipotales e seus encômios a Lísis, demonstrando postura erística e acusativa, como em: “As coisas que ele diz são ridículas para além das expectativas...” (205b7). Essas características ligadas à erística, a uma forma de disputa discursiva, endereçadas neste momento à Ctesipo, serão também associadas posteriormente ao seu primo Menexeno, o que poderia ser decorrente de uma forma de emulação.

Já dentro da *palaestra*, o jovem aproxima-se quando vê seu primo e o filósofo (207a7-b2), o que incentiva Lísis a se aproximar junto ao amigo. Menexeno, diferente do outro garoto, não recebe qualquer tipo de descrição física, de forma que não podemos analisar uma simbologia associada a sua aparência.

Sócrates dispara algumas perguntas com o intuito de iniciar um diálogo com os dois meninos, questionamentos que terminam por revelar uma forte relação de rivalidade entre ambos. As respostas afirmativas dadas a “Vocês também disputarão sobre qual de vocês é o mais bem nascido” (207c4) ou “E sobre qual de vocês é o mais belo” (207c5) ressaltam a forma como a disputa marca a amizade que compartilham, de forma que Menexeno evoca em Lísis os poucos ímpetos e posturas erísticos que vemos nesse. Podemos nos lembrar, assim, da defesa de Gonzalez (2003, p. 19), que explicita a existência de uma conexão positiva entre competição e *philia* no período: “No plano das relações pessoais, amigos eram vistos como rivais”. Roochnik (2022, p. 14) acrescenta a esse entendimento, afirmando que Platão constrói entre as personagens uma representação de rivalidade mutuamente benéfica, a exemplificação de uma competitividade amigável.

Em seguida, o diálogo que poderia surgir desse momento é interrompido pelo chamado do treinador de Menexeno, que o faz deixar o grupo pois, segundo a impressão de Sócrates, estava no meio de seus sacrifícios (207d4). Sua saída permite que seja feita a primeira investigação, apenas com Lísis, que, após ter sido refutado pelo uso do *elenkhos* socrático, pede que o filósofo faça o mesmo com Menexeno, que acabara de retornar (211a1). Sócrates aceita fazê-lo, mas pede que Lísis esteja pronto para prestar assistência caso Menexeno o refute, pois este é pupilo de Ctesipo e esperto (211c4-5), “muito bom em disputas (*eristikos*)” (211b9). A respeito de tal passagem, Anderson sugere:

Menexeno é retratado na narrativa de abertura como o mais competitivo dos dois amigos, e ficamos sabendo apenas algumas linhas após a troca em análise que ele é *eristikos* e *deinos* (sem dúvida, em *dialegesthai*). Lísis, o amigo tímido que gosta mais de assistir a uma competição do que de participar de uma, quer ver seu amigo Menexeno, que talvez frequentemente supere Lísis quando os dois brigam entre si sobre quem é mais bonito e quem vem da família mais nobre, superado por um debatedor superior. Assim, Lísis demonstra não um sentimento de vergonha, mas um espírito competitivo quando implora a Sócrates que coloque o competitivo Menexeno em seu lugar (Anderson, 2022, p. 7).

Esse trecho, além de confirmar a rivalidade que o rapaz desperta em seu amigo Lísis, solidifica a inicial associação que foi proposta entre o rapaz e seu primo e mestre, Ctesipo, uma ligação à erística. Levantadas essas características que apontam a uma aptidão em matéria de disputas e discussões, Menexeno poderia vir a qualificar-se como um interlocutor mais usual de Sócrates devido a uma postura possivelmente mais combativa, ao menos quando comparado a Lísis. Em contraponto, Evangelou argumenta a favor da semelhança entre os dois interlocutores, ambos, para ele, ineficientes ao não exibir pensamento independente:

A maioria de suas respostas são notavelmente curtas. Eles não contribuem para a discussão de maneira substancial, como concordam consistentemente com Sócrates e se abstêm de apresentar um argumento ou expressar uma opinião diferente da de Sócrates (Evangelou, 2020, p. 200).

PERSONAGENS RELACIONAIS:

TENSIONAMENTOS ENTRE REPRESENTAÇÕES DE *EROS* E *PHILIA*

Anteriormente, foram delineados alguns aspectos centrais da construção de personagens do *Lísis*, e inferências simbólicas que podem ser sugeridas a partir dessas descrições. Esse movimento permitiu o aprofundamento sobre as escolhas feitas por Platão que, mesmo integrando o plano dramático, permitem a plena concretização de suas intenções filosóficas. A filosofia platônica apresentada nos Diálogos, no entanto, possui um aspecto inerentemente interacional, assim como vemos na dialética socrática, de forma que todo o percurso definicional se dá na troca entre personagens com papéis específicos. Posta a análise dessas figuras, parece frutífero, portanto, que seja lançado um olhar sobre os tensionamentos construídos entre elas.

De forma geral, podemos localizar duas relações que, em termos representativos, tomam protagonismo no diálogo: Hipotales-Lísis e Lísis-Menexeno. Lísis, da própria maneira como dá nome ao diálogo, se estabelece como um polo central entre as movimentações dramáticas do texto, possuindo também a caracterização mais detalhada. É, em si, um símbolo com certa independência, capaz de mediar o paralelo construído entre suas relações com Hipotales e Menexeno.

O prólogo claramente contrasta a relação entre Hipotales e Lísis, discutida fora da *palaestra*, e a relação entre Lísis e Menexeno, encontrada dentro da *palaestra*. Hipotales é amante de Lísis, mas certamente não é seu amigo. Menexeno é amigo de Lísis, mas certamente não é seu amante: significativo a esse respeito é que ele compete com a beleza de Lísis. Esse contraste mostra os diferentes papéis que a competição desempenha nos dois tipos de relacionamento: Hipotales compete por Lísis, mas não, como Menexeno, compete com Lísis. Mas o prólogo faz esse contraste para rejeitar o *eros* de Hipotales como um erro? Ou para nos confrontar com o problema da relação entre *eros* e amizade? (Gonzalez, 2003, p. 25).

Como argumenta Gonzalez, temos nessa comparação uma simbologia bastante representativa que parece apontar para a própria associação entre as ideias de *philia* e *eros*. Analisando a distinção entre essas noções, Roochnik assinala que *eros*, que pode ser traduzido como “amor” ou “desejo”, não tem a reciprocidade como pré-requisito:

Qualquer que seja seu objeto, um relacionamento erótico pode muito bem ser assimétrico: o que é amado não precisa amar o amante de volta. *Philia* e seus derivados, como o substantivo, *ho philos*, o adjetivo *philos* e o verbo *philein* são difíceis de traduzir para o inglês. Sim, às vezes *philia* significa “amizade” e um *philos* é um “amigo”. Tais relacionamentos tendem a ser mútuos e são não eróticos, pois ninguém deseja sexualmente seu amigo ou deseja possuí-lo (Roochnik, 2022, p. 3).

Sob a ótica dessa complexa conexão de conceitos, podemos reavaliar as relações presentes no diálogo. Hipotales-Lísis configura-se como não recíproca, composta por desejo unilateral; Hipotales é um amante e deseja a afeição do seu amado, mas não se vê correspondido. Como vimos anteriormente, Gonzalez (2003, p. 23), analisando essa dinâmica marcada por atributos eróticos e pederásticos, defende que a paixão de Hipotales por

Lísis é uma personificação do *eros*, diferentemente do contato que esse tem com o seu amigo Ctesipo, o que se classifica mais facilmente como amizade.

Já em *Lísis-Menexeno*, vemos reciprocidade, troca e afinidade mútuas. Ambos consideram-se amigos, compartilham de sentimentos positivos um pelo outro e colocam-se como rivais, de forma que Hoerber (1959, p. 272) acrescenta: “*Lísis* e *Menexeno*, a quem Platão retrata como jovens amigos, têm personalidades afins no sentido que ambos possuem o espírito de rivalidade juvenil”. Roochnik observa que esta relação tem paralelo com aquela entretida por *Hipotales* e *Ctesipo*:

Em contraste à assimetria da relação pederástica [*Hipotales-Lísis*], *Hipotales* e *Ctesipo* são o que normalmente chamaríamos de “amigos”. Eles são da mesma idade e classe social, passam o tempo livre juntos e claramente têm uma relação íntima e confortável um com o outro (ver 204d–205d). O mesmo vale para *Lísis* e *Menexeno*. Esses dois meninos brincam juntos (206e) e provocam alegremente um ao outro (ver 207b–c e 211a). A amizade deles parece ser estável, não erótica e não epitimética. Então, quando Sócrates pergunta a eles: “você dois são amigos (*philoí*), não são?” eles respondem em uníssono, “claro” (207c8–9) (Roochnik, 2002, p. 4-5).

Logo, do contraste entre os pares *Hipotales-Lísis* e *Lísis-Menexeno*, é possível que se pretenda desenvolver uma distinção entre *eros* e *philia*. Enquanto *Hipotales* coloca-se no papel de alguém que encarna *eros* sem a presença de *philia*, em seu desejo não correspondido, em *Menexeno* se apresenta a *philia* sem *eros*, caracterizada por semelhança, troca, rivalidade, disputa e busca conjunta. Porém, por mais que as personagens em suas relações pareçam representar conceitos específicos, tanto o *eros* quanto a *philia* imbricam-se no contexto dramático do diálogo, sobrepõem-se. Sobre isso, Kahn argumenta:

Já observamos que, embora o *Lísis* esteja abertamente voltado ao tema da amizade ilustrado pelo relacionamento entre os dois meninos, *Lísis* e *Menexeno*, o tópico do *eros* é apresentado no prólogo por uma elaboração de cortejo ministrada a *Hipotales* por Sócrates, que se descreve como receptor de um dom divino de discernimento em questões eróticas (204c1). Um forte contraste é traçado entre o padrão assimétrico de *eros* no caso de *Hipotales* e a simetria da amizade entre os dois meninos. Pois *Lísis* e *Menexeno* são semelhantes em idade, beleza, nascimento nobre e disposição de conversar com Sócrates. Agora, como amante (*erastes*), *Hipotales* gostaria de manter relações amigáveis (*prospheiles*, 206c3) com

seu amado Lísis. Mas na verdade ele tem medo de provocar hostilidade com seu cortejo (207b7) (...). O *Lísis* é, portanto, cuidadosamente encenado como uma conversa de amizade ambientada no quadro de um cortejo erótico (Kahn, 2004, p. 264-265).

Por fim, é relevante pontuar o posicionamento de Sócrates e de que maneira toma parte nesta rede de relacionamentos. Por mais que o filósofo inicie o diálogo sob o comprometimento de fazer uma demonstração de conquista para Hipotales (206c5), conseqüentemente ligada a um aspecto erótico, esse encerra o diálogo considerando-se amigo de seus colegas de investigação, Lísis e Menexeno: “Pois essas pessoas aqui dirão ao partir que nós pensamos que somos amigos uns dos outros — pois eu também me considero um de vocês” (223b6-7). Essa postura pode nos apontar para o juízo feito pelo filósofo Sócrates sobre as relações construídas no diálogo.

Sobre Hipotales-Lísis, logo ao início do diálogo, Sócrates critica a maneira pela qual Hipotales atua sobre o seu desejo, chamando-o de ridículo (205d5) e definindo a busca por seu amado como prejudicial a ambos, não benéfica (205e1–206b8). O amante não sabe o que dizer a Lísis — declama sobre ele poesia e prosa que podem apenas engrandecer seu ego — e, junto a isso, tem medo que esse o veja, questões que impossibilitam que beneficiem-se um do outro de qualquer maneira.

Já na relação Lísis-Menexeno, Sócrates elogia o laço construído entre os jovens. Essa relação não só apresenta aspectos explorados na investigação definicional, como semelhança e amor mútuo, em um sentido não erótico; mas é também caracterizada por rivalidade e busca conjunta por conhecimento e aperfeiçoamento, por exemplo através do diálogo com o filósofo. Assim, compreendemos uma possível justificativa de Sócrates considerar-se amigo de Lísis e Menexeno ao fim da obra, pois a *philia* existente entre eles é detentora de aspectos fundamentais para a investigação filosófica interacional que efetua. Szaif e Jennings, em conformidade com essa argumentação, afirmam:

A amizade que se desenvolve durante o drama do diálogo entre Sócrates e os meninos Lísis e Menexeno, isto é, entre um filósofo maduro e seus alunos mais jovens, é um caso paradigmático da forma de amizade não egoísta e mutuamente benéfica. Esse tipo de amizade “pedagógica” lança as bases para a amizade entre filósofos que trabalham juntos, cada um de acordo com suas habilidades, na busca da verdade (Szaif; Jennings, 2022, p. 6).

* * *

Ao longo deste artigo, foram delineados alguns aspectos centrais da esfera dramática do diálogo *Lísis*. Essa faceta teatral das obras de Platão, como revelam os estudiosos, é indissociável de suas intenções filosóficas, do desenvolvimento lógico-argumentativo, de forma que a construção cênica do diálogo é feita a partir de escolhas estratégicas do filósofo:

O diálogo platônico, de forma bem visível, não nos apresenta apenas argumentos fictícios na forma de pergunta-e-resposta. Também faz um grande esforço para especificar um contexto fictício do qual o argumento surge: são indivíduos com um certo caráter, visão geral, uma certa posição social, que entram no debate, e esse pano de fundo colore visivelmente suas opiniões. Por sua hábil caracterização do contexto dramático dos argumentos, os diálogos mostram de forma insuperável como a filosofia está ligada à vida real (Frede, 1992, p. 216).

Em vista desta ponte entre as dimensões do *logos sokraticos*, que se mostra frutífera para a compreensão desse gênero multifacetado, nossa análise voltou-se para três pontos centrais: (1) o cenário do texto, uma nova *palaestra* na qual ocorria um festival em homenagem ao deus Hermes, que evoca atributos como receptividade e competição; (2) as personagens centrais do diálogo — Sócrates, Hipotales, Lísis e Menexeno — figuras representativas de conceitos essenciais ao percurso filosófico da obra; e (3) as principais relações construídas entre personagens, Hipotales-Lísis e Lísis-Menexeno, que tensionam a associação entre os conceitos de *eros* e *philia*.

[Recebido em setembro/2024; Aceito em março/2025]

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Trevor. Cutting Them Down to Size: Humbling and Protreptic in Plato's *Lysis*. *Revista Archaï*, Brasília, v.32, 2022.
- BLONDELL, Ruby. *The Play of Character in Plato's Dialogue*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- COOPER, John M. *Plato: Complete Works*. 1. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997.
- EVANGELOU, G. The Role of Socrates, *Lysis*, and Menexenus in Plato's *Lysis*. *Filozofia*, v. 75, n. 3, 2020, p. 195-211.
- FREDE, Michael. Plato's Arguments and the Dialogue Form. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Oxford, p. 201-219, 1992.
- GADAMER, Hans-Georg. Logos and Ergon in Plato's *Lysis*. In: *Dialogue and Dialectic: Eight hermeneutical studies on Plato*. 1. ed. New Haven: Yale University Press, 1983.

- GONZALEZ, Francisco J. How to Read a Platonic Prologue: Lysis 203A–207D. In: MICHELINI, Ann N. *Plato as Author: The rhetoric of philosophy*. Cincinnati Classical Studies, v. 8, p. 15-44, 2003.
- HADEN, James. Friendship in Plato's 'Lysis'. *The Review of Metaphysics*, Salisbury, v. 37 n. 2, p. 327-356, 1983.
- HOERBER, Robert G. Plato's Lysis. *Phronesis*, Leiden, v. 4, n. 1, p. 15-28, 1959.
- KAHN, Charles H. *Plato and the Socratic Dialogue: The philosophical use of a literary form*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- KEFALIDOU, Eurydice. The plants of victory in ancient Greece and Rome. In: *Plants and Culture: seeds of the cultural heritage of Europe*. Bari: Edipuglia, 2009, p. 39-44.
- MORAES, Deivid Junio. Entre Oralidade e Escritura: A forma dialógica em Platão. *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora, v. 2, n. 19, p. 116-134, dez. 2016.
- NAILS, Debra. *The People of Plato: A prosopography of Plato and other socratics*. 1. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2002.
- PECK, Harry Thurston. *Harper's dictionary of classical literature and antiquities*. 1. ed. New York: Harper & brothers, 1896.
- PLATÃO. *Apology*. In: COOPER, John M. *Plato: Complete Works*. 1. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997.
- PLATÃO. *Lysis*. In: PENNER, Terry; ROWE Christopher. *Plato's Lysis*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- PLATÃO. *Menexenus*. In: COOPER, John M. *Plato: Complete Works*. 1. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997.
- ROOCHNIK, David. Plato's *Lysis* and the Erotics of *Philia*. *Revista Archai*, Brasília, v.32, 2022.
- ROSSETTI, Lívio. *O Diálogo Socrático*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- SZAIFF, Jan; JENNINGS, David. Introduction to Studies on Plato's *Lysis*. *Revista Archai*, Brasília, v.32, 2022.
- TARRANT, Dorothy. Plato as a Dramatist. *The Journal of Hellenic Studies*, Cambridge, v. 75, p. 82-89, 1955.
- XENOFONTE. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. In: CIVITA, Victor. Coleção Os Pensadores II. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972.